

Quinta-feira, 18 de setembro de 2003

no mínimo Paulo Roberto Pires

enviar | imprimir

Leia mais:

[O Rio do Ruy | 09.Set](#)

[10 ½ Mandamentos do Macalismo | 23.Ago](#)

Assinar/cancelar
seu email



- Arthur Dapieve
- Augusto Nunes
- Carla Rodrigues
- Flávio Pinheiro
- Guilherme Fiuza
- João Moreira Salles
- José Paulo Kupfer
- Leo Martins
- Marcos Sá Corrêa
- Mario Sergio Conti
- Paulo Roberto Pires
- Pedro Doria
- Ricardo A. Setti
- Ricardo Calil
- Roberto Benevides
- Sergio Bermudes
- Sérgio Rodrigues
- Tutty Vasques
- Villas-Bôas Corrêa
- Xico Vargas
- Zuenir Ventura
- +
- Blogs favoritos
- +
- Convidados
- +
- Ensaio
- +
- Entrevista
- +
- Fala Leitor
- +
- Rato de livreria
- +
- Todo Ouvidos
- +
- Weblog

buscar

Busca avançada
Quem somos

A vorta do Wárter

16.Set.2003 | O fraco de Isaurinha Garcia era o órgão de Walter Wanderley. Quando o ouviu pela primeira vez na boate Delfim Verde, no Recife, ficou tão encantada que foi ao palco e o beijou: "Vou te dar um beijo porque você vai casar comigo, vai ser meu marido", disse ela, 13 anos mais velha e já conhecida nacionalmente como A Personalíssima. Dito e feito: o ano era 1958 e o casal começou em São Paulo um casamento daqueles, que deu em uma filha, incontáveis brigas públicas e alguns dos melhores discos da carreira dela, numa mistura improvável daquele sotaque italianado e ultra-romântico com o "samba moderno" que saía dos teclados do "Wárter"- ela o chamava assim, como se jamais tivesse saído do Brás onde nasceu.

"A pedida é samba", que Isaurinha gravou com WW em 1961, e "Samba no esquema de Walter Wanderley", petardo jazzístico de 1963, saem juntos em mais um pacote "Odeon 100 anos" como raros relançamentos das carreiras dos dois, relegados de formas diferentes a um duro esquecimento na história da música brasileira. A posteridade foi mais cruel com ela, que morreu em 1996, aos 77 anos, longe da vida artística e quase sempre amarga em entrevistas ou aparições públicas. Aos 55 anos, em 1986, chegou ao fim a vida de desgramentos de WW, auto-exilado nos EUA desde que desembarcou nas listas de músicas mais tocadas do país com o "Samba de verão", em 1966. Se o estilo de Isaura não resistiu ao tempo, tendo ficado deliciosamente datado, o balanço de Walter cada vez mais encanta jazzistas nos Estados Unidos e no Japão e, também, faz as delícias de modernos de todas as latitudes, que vêem nele uma espécie de avô do lounge.

Por aqui, pouco se fala nos dois. Por caminhos diferentes, ambos foram ficando excluídos dos padrões de bom gosto que, de tempos em tempos, elege e exclui músicos e gêneros. Ambos ficaram isolados numa espécie de grande subúrbio da MPB, ela pelo exagero e os vibratos (preconceito que esconde ofusca uma maravilhosa interprete de samba e também, é claro, de qualquer tipo de dramalhão), ele por adotar um instrumento estigmatizado, que tende a ser visto apenas como o solista absoluto das churrascarias - se fossem brasileiros, Jimmy Smith, Eddy Louis e Joe Mooney estariam suando para ganhar a vida entre uma picanha e um cupim.

"A pedida é samba" está mais perto de um salão de baile do que do Beco das Garrafas. O repertório é quase todo sacolejante - com exceção de uma Dolores Duran daquelas, "Que é que eu faço" - e WW funciona como um coadjuvante de luxo, ressaltando o suíngue que a cantora muitas vezes escondia em suas arrebatadas interpretações. Esse foi o caminho, transversal, pelo qual WW chegou na cena jazzística da bossa nova, de onde sairia com recomendações entusiásticas de Tony Bennett direto para Nova York. Mas o artista que o mítico produtor Creed Taylor recebeu tinha pouco, muito pouco a ver com o acompanhante de Isaura Garcia - e, logo depois, de Claudette Soares - e era totalmente o de "Samba no esquema de Walter Wanderley", comandando um hepteto incendiário.

O figurino jazzy combinava bem, e de forma letal até, com o temperamento de Walter Wanderley - ele bebia demais, brigava demais, namorava demais. Em seus 20 últimos anos, passou do Top5 da Billboard - com o espetacular "Rain forrest", hoje inédito no Brasil - a pequenos clubes

decadentes em torno de São Francisco, região onde morava. Depois que embarcou em São Paulo, em 1966, jamais voltou a botar os pés no Brasil, nem mesmo para ver a filha e a família. Isolou-se e curtiu, nos últimos anos, o que sobrou do bom dinheiro e prestígio dissipados numa carreira meteórica que lembra as biografias dos grandes músicos do jazz.

Muito do que se sabe hoje sobre Walter Wanderley – e muito do que você leu aqui – sobrevive graças a obsessão de uma fã americana, cuja história também é familiar aos relatos do jazz. Barbara J. Bear ouviu "Summer samba" aos 12 anos e, desde então, nutriu verdadeira adoração pelo "Brazil's Number 1 Organist". Foi ela que, com zelo de detetive, começou a entrevistas contemporâneos de WW, trocar figurinhas com críticos e músicos brasileiros, localizar a filha e o neto do músico. O resultado, monumental para uma pesquisa diletante, está no site

<http://bjbear71.com/Wanderley/main.html> , que inclui ainda uma minuciosa discografia, atualizada com uma dedicação comovente.

Dos arquivos da Odeon, ainda há muito o que ser lançado, mas boa parte da boa fase de Walter Wanderley está disponível apenas em CDs americanos e japoneses – estes de preço proibitivo - com as versões de "A certain smile"(com Astrud Gilberto), "Chegança", "Batucada" e muitos outros. Espetacular também é o CD duplo "The boss of bossa", que reúne 45 faixas das fases brasileira e americana de WW – mas este só importado. E da Alemanha.

prp@nominimo.ibest.com.br

[^ volta ao alto da página](#)

Praça Nossa Senhora da Glória 46, 5º andar
Rio de Janeiro RJ 22211-010 · tel +55 21 2225 5772

copyright 2002, nominimo.com.br
editor@nominimo.ibest.com.br